

# *As modalidades discursivas de funcionamento subjetivo e o legado marxista-leninista*

*Maurício Beck*

*Amanda Eloina Scherer*

Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, RS, Brasil

## **Resumo**

As três modalidades discursivas de funcionamento subjetivo foram elaboradas, por Michel Pêcheux, a partir das teorizações de Althusser acerca das ideologias dominante ou dominada e de sua relação com o projeto científico e político marxista-leninista e sua pedagogia revolucionária (da ruptura). Contudo, concomitantemente à crise da doutrina marxista-leninista, algo falhou na primeira elaboração daqueles conceitos, sobretudo na terceira modalidade (desidentificação).

**Palavras-chave:** ideologia, modalidades de funcionamento subjetivo.

## **Abstract**

The three discursive modalities of Subjective Operation were elaborated by Michel Pêcheux, from Althusser's view to the dominant or dominated ideologies and their relation with the scientific and political Marxist-Leninist project and its revolutionary pedagogy (pedagogy of the rupture). However, concomitantly to the crisis of Marxist-Leninist doctrine, something failed in the first elaboration of those concepts, especially in the third modality (disidentification).

**Keywords:** ideology, modalities of Subjective Operation.

## PARALELOS

Até aqui, os partidos revolucionários se constituíram como sínteses de interesses em lugar de funcionar como analisadores de desejos das massas e dos indivíduos. Ou então, o que dá no mesmo: os partidos revolucionários se constituíram como embriões de aparelhos de Estado, em lugar de formar máquinas de guerra irredutíveis a tais aparelhos.

(DELEUZE [1973], 2006)

Maurício  
Beck

Amanda  
Eloina  
Scherer

---

170

É frequentemente reiterado que, com a Análise de Discurso, iniciada pelo coletivo de intelectuais em torno de Michel Pêcheux na França das décadas de 60/70, elaborou-se uma teoria do discurso a partir da *aliança* entre a linguística estrutural, o materialismo histórico (de linha althusseriana) e a psicanálise lacaniana. Contudo, é preciso também recordar que, segundo Pêcheux ([1975] 1997), essa articulação com a psicanálise e com marxismo não tem como função simplesmente fundamentar uma teoria materialista do discurso e uma concepção de sujeito enquanto efeito do dizer, mas trazer para o campo da linguística questões e problemas, a fim de que esta possa avançar no conhecimento acerca do funcionamento da linguagem, sobretudo no campo da semântica.

Este é o caso da articulação do conceito de discurso com o conceito de ideologia, (re)formulado por Althusser ([1970] 1985), somado ao conceito de sujeito como forma/efeito do dizer. É possível afirmar que as indagações levantadas a partir desta articulação conferem a especificidade e constituem o objeto da teoria materialista do discurso no início das formulações pecheutianas.

Entre as primeiras elaborações teóricas de Pêcheux, a que trata dos modos de funcionamento subjetivo ainda se mostra rica em problematizações, seja pelas retificações que sofreu, seja pelas questões teóricas que deixou em aberto. Discorrer sobre essas elaborações e suas relações com as inquietações próprias da práxis marxista-leninista é o objetivo do presente artigo. Abordemos de imediato o tema, remontemo-nos ao texto *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio* ([1975] 1997).

Nessa obra, em consonância com a proposta de releitura *sintomal* do marxismo, encetada por Althusser ([1970]1985), Pêcheux ([1975] 1997) concebeu três modalidades discursivas de funcionamento subjetivo. Este artigo busca estabelecer alguns paralelos entre essas modalidades e os conceitos leninistas de *ideologia burguesa*, *ideologia espontânea* e doutrina científica socialista ou *teoria-práxis revolucionária*. Em seguida, discorre

brevemente a cerca das retificações teóricas empreendidas por Pêcheux — relativas, sobretudo, à terceira modalidade — e as implicações teóricas e políticas do que veio a falhar em tal modalidade. Acreditamos que, de certo modo, enquanto marxista-leninista, Pêcheux retomou<sup>1</sup> e reelaborou conceitos e propostas teóricas de Lênin e de Althusser acerca não só do problema da Ideologia (dominante), mas também do *engendramento* e do funcionamento da ideologia dominada ou revolucionária.

PRIMEIRO PARALELO:  
PRIMEIRA MODALIDADE – IDEOLOGIA BURGUESA

Na primeira modalidade, a do bom sujeito, este se identifica com a formação discursiva e ideológica à qual se encontra assujeitado. Essa identificação se dá de modo inconsciente, pois, para Pêcheux, a ideologia tem como característica encobrir seu próprio funcionamento. Segundo Pêcheux ([1975] 1997, p. 215), a identificação a uma dada formação discursiva “consiste numa superposição (um recobrimento) *entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal*”. Sendo o discurso do “bom sujeito” caracterizado pela superposição, a discursividade deste “reflete espontaneamente o Sujeito (em outros termos: o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, se identifica)” (Ibid.).

É preciso salientar que Pêcheux retoma, nessas elaborações, conceitos da teoria geral da ideologia de Althusser ([1970] 1985). Em *Aparelhos Ideológicos de Estado*, Althusser propôs que a interpelação dos indivíduos enquanto sujeitos pressupõe um Outro, um Sujeito, Único e absoluto. Para o filósofo, a estrutura de toda e qualquer ideologia ao interpelar, *em nome do Sujeito*, os indivíduos como sujeitos é de ordem

especular, isto é, funciona como um espelho, e duplamente especular: este desdobramento especular é constitutivo da ideologia e assegura o seu funcionamento. O que significa que toda ideologia tem um centro, um lugar único ocupado pelo sujeito Absoluto (ALTHUSSER, [1970] 1985, p. 102).

Desse modo, na concepção althusseriana, a ideologia em geral funciona

---

1 Todavia, esta retomada se dá a partir de outra perspectiva teórica, a de uma teoria geral da ideologia (na qual a Ideologia é dotada de uma materialidade própria e a linguagem é tomada como não transparente). Ademais, embora alicerçados, neste primeiro momento, na doutrina leninista, tais conceitos adquirirão novas definições conforme os reajustes teóricos de Pêcheux e de outros analistas de discurso, como Indursky (2002), que articula a terceira modalidade, a desidentificação, com o conceito de acontecimento discursivo (constituição de um novo domínio de saber, irrupção do novo, do inusitado).

(quando funciona bem) por via desta *estrutura especular duplicada*, que garante: **a**) a interpelação, **b**) a submissão ao Sujeito, **c**) o “recobrimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, e entre os próprios sujeitos, e finalmente o reconhecimento de cada sujeito por si mesmo” ([1970] 1985, p. 103), e **d**) a *segurança absoluta* de que tudo anda bem desse modo, desde que os sujeitos se autorreconheçam e se conduzam em conformidade (*Amém*). É de Althusser (ibid., p. 103) a afirmação: “A imensa maioria dos (bons) sujeitos caminha por si, isto é, entregues a ideologia”.

Maurício  
Beck

Acreditamos que é a partir das elaborações de Althusser que Pêcheux articula conceitualmente as modalidades de funcionamento subjetivo. Ou seja, Pêcheux parte de uma teoria geral das ideologias, na qual é necessário distinguir o modo de funcionamento da ideologia do conteúdo de classe ou específico-regional de uma determinada ideologia. De qualquer modo, concretamente toda ideologia se constitui, para Althusser e Pêcheux, a partir de um dado aparelho ideológico de Estado (específico, regional) com uma determinada posição de classe.

Amanda  
Eloina  
Scherer

---

172

No entanto, conforme Althusser ([1970] 1985), a diversidade e dispersão dos aparelhos e, portanto, das formações ideológicas, é contrabalançada pelo modo de funcionamento mesmo da ideologia. Esta constrói sua unidade pela hegemonia (Gramsci) da ideologia da classe dominante — a ideologia dominante -, o que, na perspectiva do materialismo dialético, será entendido como *o todo complexo com dominante* (tanto do interdiscurso, como do conjunto das formações ideológicas), dominante que organiza e confere a unidade ao todo.

No pensamento de Lênin ([1902] 1982), a primeira modalidade de funcionamento subjetivo tratar-se-ia, na maior parte das vezes, do sujeito que adere à ideologia burguesa dominante. Apesar de Lênin pensar a aderência dos indivíduos/sujeitos à ideologia dominante sem fazer uma distinção entre o *modo de funcionamento da adesão* e o *conteúdo* de tal ideologia, acreditamos que há um paralelo entre sua abordagem e a de Pêcheux, visto que a *aderência à ideologia* burguesa é análoga à *submissão dos sujeitos ao Sujeito*, que *na imensa maioria das vezes caminha* em conformidade com a ideologia dominante (ALTHUSSER, [1970] 1985) — Ideologia dominante que, no modo de produção capitalista, na formação social histórica dos últimos séculos, é a ideologia da classe dominante (burguesia)<sup>2</sup>.

---

2 Estamos desconsiderando, nesse ponto, a retificação de Orlandi (2005), que propõe, baseada em Schaller ([2001] 2002), pensar o funcionamento e as contradições das formações sociais e políticas como uma luta por lugares e não mais apenas como uma luta de classes. Observemos que, no momento em que Pêcheux elaborou sua teoria das modalidades de funcionamento subjetivo, o autor estava em consonância com a teoria marxista-leninista (que

## SEGUNDO PARALELO: SEGUNDA MODALIDADE — IDEOLOGIA ESPONTÂNEA

A segunda modalidade (do mau sujeito<sup>3</sup>) corresponde ao sujeito que se revolta, questiona, contesta as evidências ideológicas da formação discursiva à qual ele se encontra assujeitado. Pêcheux ([1975] 1997) nomeou esta modalidade como o discurso-contra (ou *contradiscurso*). Em termos leninistas, tratar-se-ia de algo similar à ideologia “espontânea”, construída na “obscura luta cotidiana” do proletariado, ou seja, para Lênin, a classe dos proletários é dotada de um ponto de vista de classe. De sua perspectiva, Lênin a chama de ideologia espontânea, caracterizada como um

certo despertar do consciente. Os operários perdiam a fé tradicional na inamovibilidade do regime que os oprimia; começavam... não direi a compreender, mas a sentir a necessidade de uma resistência coletiva e rompiam resolutamente com a submissão servil às autoridades ([1902] 1982, p. 100).

Note-se que, ainda que Lênin não faça uma distinção entre o modo de funcionamento da ideologia e seu conteúdo, algo parece falhar naquela aderência à ideologia burguesa da primeira modalidade. De modo similar, para Pêcheux ([1975] 1997, p. 204),

a “espontaneidade proletária”, que resulta da representação da relação (imaginária) do proletariado com suas condições reais de existência, caracteriza a maneira pela qual este último pode “estar no verdadeiro” (reconhecer que isso não pode durar, que é preciso fazer algo a respeito, etc.).

A similitude entre as duas definições supracitadas sugere que Pêcheux elaborou a segunda modalidade em consonância com o conceito de ideologia espontânea de Lênin ([1902] 1982) e com o modo de funcionamento da ideologia de Althusser ([1970] 1985). Este último pensa a ideologia como uma representação imaginária, não das condições reais de existência, mas de suas relações com as condições reais de existência. Para Althusser, a ideologia não é, no entanto, uma simples ilusão daquelas relações, mas uma ilusão/alusão. Na abordagem de Pêcheux, as formações ideológicas e as formações discursivas (imbricadas com as primeiras) são produtoras

---

propõe ser a história de todas as sociedades explicada pela luta das classes que as compõem).

3 Althusser ([1970] 1985) utiliza a expressão “maus sujeitos” referindo-se àqueles que acabam por provocar a intervenção de algum aparelho repressivo de Estado contra eles.

As  
modalidades  
discursivas de  
funcionamento  
subjetivo...

---

173

de evidências. Evidências que, ao serem questionadas pelos *maus sujeitos* da segunda modalidade, aludem a *algo* de verdadeiro no cerne mesmo da representação imaginária das relações/lutas de classe.

### TERCEIRO PARALELO: TERCEIRA MODALIDADE – PEDAGOGIA REVOLUCIONÁRIA

Maurício  
Beck

Amanda  
Eloina  
Scherer

---

174

Embora Lênin ([1902] 1982) considere a existência da ideologia “espontânea”, esta tem uma importância secundária para o revolucionário, pois se mostra incapaz de se constituir como uma ideologia independente, de construir um conhecimento objetivo, sistemático que viabilize a tomada do poder político e a revolução socialista. Para que esta seja viabilizada, ainda de acordo com Lênin, faz-se necessária a *importação* de fora de uma teoria (científica) da doutrina socialista. Esta última, mesmo tendo as mesmas raízes que a luta de classe do proletariado (desigualdade das relações econômicas), surgiu em paralelo com o movimento operário. Seus portadores são os intelectuais (burgueses) que a elaboraram a partir da economia política (inglesa), da filosofia (alemã) e do socialismo (francês) e depois a disseminaram no movimento dos operários.

Ainda que Althusser se defina como um marxista-leninista, ele parece divergir sutilmente (e sem dizê-lo explicitamente) de Lênin acerca do entendimento da relação entre os intelectuais (burgueses?) e a massa proletária. Para Althusser ([1970]1985, p. 125), “a teoria marxista foi concebida por intelectuais, é claro, providos de uma vasta cultura, mas *no interior e a partir do interior do movimento operário*”. Segundo Althusser, Marx, por exemplo, era um *intelectual orgânico* (conforme a definição de Gramsci), um militante das primeiras organizações internacionais de trabalhadores. Por conseguinte, o problema da importação ou *injeção* da doutrina marxista a partir de fora “converte-se [...] no problema da *difusão, no interior do movimento operário de uma teoria concebida no interior do movimento operário*” (ibid., p. 125-126).

No enfoque de Pêcheux ([1975] 1997), a terceira modalidade surgiria com a integração de conhecimentos objetivos, científicos e políticos (via apropriação subjetiva destes). A segunda modalidade serviria de ponto de partida para a constituição da terceira. A integração dos conhecimentos objetivos só se realizaria, no entanto, por meio da prática política do proletariado em conjunto com a ciência do materialismo histórico. Pêcheux (ibid.) caracterizou esta terceira modalidade como uma forma de *desidentificação*, como uma tomada de posição não-subjetiva, o que, segundo o autor, permitiria escapar às evidências da ideologia dominante, possibili-

tando que o sujeito desta modalidade lute contra as causas que o determinam, visto que ele as apreenderia *teórica* e praticamente<sup>4</sup>. Ora, na concepção do filósofo, a ciência (inclusive a ciência histórica) se produziria por uma sucessão de cortes epistemológicos, por descontinuidades ou rupturas em relação às evidências da Ideologia (não há ciência pura). Conceitos (do materialismo histórico) e dispositivos (partido comunista) articulados permitiriam uma apreensão não subjetiva do real histórico<sup>5</sup>, um sujeito materialista alçado para além da ideologia.

Faltaria saber como se dá esse processo de importação da teoria pelo movimento do proletariado, ou, de outra perspectiva, como os teóricos orgânicos buscam difundir a teoria na massa trabalhadora? Segundo Lênin ([1902] 1982), cabe à vanguarda intelectual e política tal tarefa e esta deve ser desempenhada no interior de uma organização partidária centralizada e disciplinada, para não dizer militarizada. Os membros do partido devem almejar o conhecimento mais perfeito possível das condições de todas as classes de determinado momento histórico. Os mais *desenvolvidos* ou *capacitados* tornam-se os dirigentes do partido, *propagandistas* da doutrina socialista, *agitadores das massas* e *arquitetos da revolução*; são aqueles que delineiam o *fio condutor* da revolução socialista e unificam a massa *heterogênea* compondo um *elo político* em torno da causa do proletariado.

De seu lado, Pêcheux ([1975] 1997) entendia o aparelho partidário comunista como uma *organização de tipo novo*<sup>6</sup>, um dispositivo de experimentação-transformação histórico. E é por meio deste dispositivo que se constituiria uma prática política de cunho científico. Esta última, em conjunto com a divulgação da ciência do materialismo histórico, funcionaria como

---

4 Essa imbricação entre teoria e prática, práxis teórica na luta política, vem desde Marx: “As armas da crítica não podem, de fato, substituir a crítica das armas; a força material tem de ser deposta por força material, mas a teoria também se converte em força material uma vez que se apossa dos homens. A teoria é capaz de prender os homens desde que demonstre sua verdade face ao homem, desde que se torne radical. Ser radical é atacar o problema em suas raízes” (MARX, [1843] 2005, p. 11).

5 Em termos leninistas e lukacsianos, de acordo com Châtelet ([1982] 1994, p. 218), “consciência atribuída, a consciência que a classe teria se fosse capaz de captar a situação histórica do ponto de vista de seu interesse de classe, ou seja, com uma compreensão da totalidade da sociedade”.

6 Novamente Pêcheux segue as elaborações de Althusser ([1970] 1985) que já ressaltara a novidade dos partidos comunistas e de sua militância, visto que esses não se adequavam ao papel formal atribuído a eles pelos aparelhos de Estado. O papel (dito) real dos partidos comunistas subordina os interesses imediatos do movimento ao futuro da classe operária (Futuro da Revolução). Também se distingue por dispor de uma doutrina científica (marxismo) e do instinto de classe dos explorados como forças principais em sua luta política. Um partido comunista é, em síntese, “uma organização da luta de classe operária” (Ibid., p. 122).

uma *pedagogia da ruptura* (uma pedagogia revolucionária nos termos de Lênin) “*das identificações imaginárias em que o sujeito se encontra*” (PÊCHEUX, [1975] 1997, p. 299). Eis, em síntese, o terceiro paralelo: terceira modalidade – pedagogia da ruptura – pedagogia revolucionária.

## FALHAS, RETIFICAÇÕES E RECUOS

Maurício  
Beck

Amanda  
Eloina  
Scherer

176

Não obstante os avanços teóricos no campo dos estudos discursivos, chegou um momento em que algo começou a falhar no funcionamento do aparelho partidário comunista, algo que punha na berlinda as teorizações da terceira modalidade de funcionamento subjetivo. No anexo da edição inglesa do seu já citado livro, Pêcheux faz uma autocrítica às conceituações desse “fantasma de um estranho sujeito materialista” (PÊCHEUX, [1978] 1997, p. 298). O anexo é uma retificação teórica; nele, o autor desconstrói a idéia de *apropriação subjetiva do proletariado*, pois, a partir de críticas de aliados e adversários teóricos e políticos, o filósofo toma conhecimento da *simetria tendencial* entre o sujeito da prática política do proletariado e o sujeito da ideologia dominante.

Por outro lado, a pedagogia da ruptura, supostamente capaz de “uma interpelação às avessas”, errava por sua inclinação platônica. Pêcheux nota que o “retorno idealista de um primado da teoria sobre a prática” (ibid., p. 299) se deve a uma concepção de que a teoria é radicalmente exterior, ou seja, de que ela seria de algum modo imune ao funcionamento da Ideologia (em geral<sup>7</sup>).

As retificações na teoria da interpelação deslocam a Análise de Discurso das vizinhanças da teoria-prática marxista-leninista para as adjacências do *nonsense*, dos chistes e atos falhos do inconsciente psicanalítico. O conceito de resistência Pêcheux vai retomar, re-elaborar e enfatizar a partir da teoria psicanalítica de Freud e Lacan. Esta é a segunda retificação que o autor vai fazer no anexo, pois outro ponto crítico de suas formulações

---

7 A posição de Althusser ([1970] 1985) neste ponto era definida do seguinte modo: os partidos comunistas, como todos os demais partidos, constituem-se sobre a base de uma ideologia (neste caso específico: a ideologia proletária) que tem o papel de *cimentar* (Gramsci), de unificar um dado grupo social em torno de um pensamento, discurso e prática. Essa ideologia funciona como toda ideologia: interpela os indivíduos como sujeitos, mas, com um diferencial: é uma ideologia impregnada de experiências históricas (a da luta política marxista-leninista) e *iluminada* por uma teoria que permite uma análise objetiva e científica (portanto, não afetada de todo pelas *relações imaginárias*) da luta de classes em dado momento histórico. Notemos o predicado dado à teoria/doutrina marxista: sua capacidade de iluminar a análise dos acontecimentos históricos e políticos. Tendência iluminista, platônica no interior do pensamento althusseriano?



na parte final de *Semântica e Discurso* é, segundo o filósofo, a concepção de que a interpelação ideológica tem como efeito um ego-sujeito-pleno, negando assim a instância do inconsciente. A partir da retificação, a interpelação ideológica é definida como um ritual sujeito a falhas, enfraquecimentos e brechas; a ordem inconsciente define-se como uma instância que não é inteiramente subsumida às injunções da Ideologia, sendo foco de resistências e revoltas fugidias.

Contudo, se, em termos de conceituações em torno da questão da interpelação do sujeito pela Ideologia, o texto *Só há causa daquilo que falha* é lido como uma retificação, em termos mais abrangentes, o anexo parece ser sintoma de um *recoo* (ainda que tenha havido aí um inestimável avanço conceitual). Recuo teórico-político, uma vez que a articulação conceitual entre a teoria do discurso e as ideologias ou práticas revolucionárias fica em suspenso. A partir deste momento a AD irá, cada vez mais, centrar seus estudos nas modalidades das resistências políticas inconscientes engendradas no cotidiano das massas.

Este recoo ocorre concomitantemente ao aprofundamento da crise da linha política do Partido Comunista no final da década de 70, pois é em 1978 que, segundo Malidier ([1990] 2003, p. 66), ocorre a “ruptura do Programa Comum da Esquerda, no meio do debate que esta suscitou nos militantes do partido comunista francês. O desespero político rola. Há decididamente ‘algo que falha’ na prática política. A teoria deve intervir, no mais alto nível”. E é o que faz Althusser (1978) no jornal *Le Monde*<sup>8</sup>, em abril daquele ano. Althusser intervém, fazendo uma crítica à direção de seu partido (comunista), mais precisamente a dois aspectos deste: sua inclinação ao parlamentarismo burguês e sua forma de organização rigidamente hierárquica, símile de um aparelho militar.

Althusser (1978) afirma, no *Le Monde*, que esses dois aspectos asseguram à direção um poder, um domínio perene sobre a base. A hierarquia militar propicia à direção um enquadramento vertical das unidades e posiciona os militantes da base em relação a uma única coluna ascendente de comunicação e debate que parte da célula, passa pela seção e a federação até o comitê central. Desse modo, constitui-se um *sistema de controle e esquadramento*, em que os militantes equivalem a soldados que se limitam a receber ordens dos ‘quadros’ (os *permanentes*) do partido.

Toda forma de contato entre células é reprimida, impedindo qualquer articulação horizontal dentro do partido. Essa forma de organização aca-

---

8 Althusser publicou uma série de artigos no *Le Monde* devido à censura interna da cúpula do PCF, que impediu a publicação daqueles no periódico do partido: *L’Humanité*. No mesmo ano esta série de artigos foi lançada em livro: *Ce que ni peut plus durer dans le parti communiste*.

Maurício  
Beck

Amanda  
Eloina  
Scherer

---

178

ba por inculcar a crença de que a *linha justa* só pode vir de cima e a teoria é entendida como propriedade dos dirigentes, nas palavras de Althusser (1978). Ressalte-se que essa última crítica não deixa de ser similar à que Pêcheux ([1978]1997) faz à concepção da *exterioridade radical da teoria*<sup>9</sup>.

Althusser (1978) se propõe a denunciar o *stalinismo* nas práticas internas do PCF. No entanto, a se crer em Lebrun (1983), o que Althusser parece visar com suas críticas, e a contrariar com suas propostas (escutar as massas, consultar as bases do Partido), é o Estado-Partido leninista, lembrando que, na obra inaugural do marxismo-leninismo, *Que fazer?*, Lênin ([1902]1982) defende suas posições teóricas e políticas em oposição aos defensores do espontaneísmo das massas. É que, para Lênin, as massas, sobretudo as massas ainda “atrasadas” da Rússia, não têm condições de engendrar o conhecimento objetivo das condições concretas em que se encontram, muito menos de forjar uma prática política com eficácia estratégica capaz de levar adiante a revolução socialista. Por conseguinte, a escuta das massas está subordinada, no pensamento leninista, às necessidades de ordem estratégica, necessidades que exigem a construção de um partido centralizado e militarizado com uma vanguarda cuja relação com as massas se resume a dirigi-la, instruí-la, esclarecê-la e discipliná-la, no intuito de assim criar as condições para o surgimento de proletários altamente desenvolvidos e preparados.

Em contraponto a essa abordagem vanguardista, Althusser (1978) sugere que, na década de 60 e 70, as bases do partido e os movimentos às *margens da luta de classes* (jovens, mulheres, etc.) passaram a fazer suas próprias análises de conjuntura. Ademais, Althusser (Ibid.) afirma que historicamente o partido comunista se configurou como uma fortaleza inexpugnável e temerosa em relação às forças que não estão sob o controle do aparelho. Althusser se refere especificamente aos movimentos estudantis e pequeno-burgueses que não deviam obediência aos quadros do partido em maio de 1968. Naquele momento histórico, a estratégia defensiva<sup>10</sup> do PCF acabou situando-o na retaguarda dos acontecimentos. Por não ter escutado as massas e analisado as mudanças no momento em que

---

9 Pêcheux retoma o conceito de esquecimento/reminiscência platônica para fazer a autocrítica ao *pedagogismo invertido* que ele mesmo elaborara em *Semântica e Discurso*. Talvez a alegoria da caverna que Platão narra e comenta na República possa ser utilizada para se entender de que modo o primado da teoria sobre a prática e a propriedade desta por um número restrito de “iluminados” permite um domínio permanente da direção sobre a base do partido.

10 Pêcheux (1981), por sua vez, caracteriza essa postura defensiva como uma orientação imutável, instalada em conformidade com seus próprios cálculos estratégicos.

ocorriam, por se recolher em sua fortaleza, o partido perdeu sua condição de vanguarda na luta de classes, sua *consciência estava atrasada* frente aos acontecimentos, na leitura de Althusser. Para o filósofo urge abandonar a fortaleza e “meter-se” nos seio dos movimentos de massa.

Althusser (1978), ao se dispor a escutar as massas, na “obscura luta cotidiana”, ao questionar a infalibilidade (e ao denunciar a dominação) dos dirigentes do partido, parece estar se afastando da concepção de partido de vanguarda. Entendemos que Pêcheux, em suas retificações teóricas, segue um caminho semelhante, quando desconstrói suas teorizações acerca da pedagogia da ruptura e mais tarde, na época da vitória do socialista François Mitterrand, irá propor o estudo dos *burburinhos* do discurso no cotidiano (PÊCHEUX, [1983] 2002). Pode-se ponderar que não é apenas pela crítica da *pedagogia da ruptura* e pelo questionamento da concepção de exterioridade radical da teoria que Pêcheux distancia-se da prática política do partido comunista. É pela sua aproximação ao sujeito cindido da psicanálise, sujeito do inconsciente que não se deixa assujeitar inteiramente<sup>11</sup> pela Ideologia. A partir do anexo, Pêcheux embasa seu conceito de resistência na psicanálise de Lacan. Esse sujeito se mostra avesso a qualquer disciplinamento pedagógico rígido que aspire à formação de revolucionários profissionais incapazes de cometer erros ou equívocos.

Uma vez desarticuladas as *alianças* da teoria materialista dos discursos com a teoria e prática marxista-leninista, a retificação parece implicar em um recuo<sup>12</sup>, visto que o inconsciente (que resiste) não pode ser fonte da ideologia dominada ou revolucionária (PÊCHEUX, [1978] 1997), como pensar a emergência de processos de resistência-revolta-revolução após o chamado inverno político francês<sup>13</sup> (e, mais amplamente, após a queda do muro de Berlim)?

O recuo teórico-político está ligado ao inverno político francês. A ênfase que as teorias e as análises começam a dar às resistências é um sintoma de que possivelmente as vanguardas revolucionárias perderam o seu *fio condutor*. Com o partido comunista em crise política (do inverno francês à queda do muro de Berlim), a questão sobre as ideologias dominadas fi-

---

11 Precisamente porque ele não constitui um todo, não é um ser íntegro, mas sim, um sujeito cindido.

12 Da perspectiva de Althusser (1978) trata-se do abandono da fortaleza partidária e da inserção dos militantes no seio dos movimentos populares da contemporaneidade, mas isso implica um questionamento de que a linha justa do partido não é, inelutavelmente, a vanguarda da luta de classes.

13 Guilhaumou (2008) destaca a ausência, no cenário europeu das últimas décadas, de análises acerca das ideologias das classes subalternas no interior de formações discursivas.

cou suspensa. Efetivamente as esquerdas parecem ter recuado no mundo todo durante as últimas décadas do século passado, o próprio projeto de Revolução parece ter sido protelado ou transubstanciado em *quimera* do passado por muitos intelectuais europeus.

No caso específico da AD que se desenvolveu no Brasil, o contexto político brasileiro também contribuiu para que as análises se centrassem nas resistências e revoltas frente à ditadura militar e outras estruturas autoritárias características da América Latina. Por outro lado, os movimentos sociais que despontavam concomitantemente com a re-instauração de um governo civil no país permitiram desdobrar a problemática das resistências e revoltas (pontuais e locais) de forma a contribuir para o entendimento da emergência desses processos. Mas a questão da ideologia dominada, revolucionária ou transformativa ainda não foi retomada no domínio da *teoria geral da ideologia*, arcabouço teórico da AD.

Em *Só há causa daquilo que falha*, Pêcheux se refere à pesquisa foucaultiana em torno das práticas repressivas (e não-repressivas) ideológicas (e dos processos de individualização-normatização). Esta seria uma linha de estudos históricos que ele considera interessante seguir,

para que se comece, enfim, a compreender o processo de resistência-revolta-revolução da luta ideológica de classes, evitando fazer da ideologia dominada, seja a repetição eternitária da ideologia dominante, seja a autopedagogia de uma experiência que descobre progressivamente o verdadeiro atrás-das-cortinas das ilusões mantidas pela classe dominante, seja a irrupção teoricista de um saber exterior, o único capaz de romper o círculo encantado da ideologia dominante (PÊCHEUX, [1978] 1997, p. 302-303).

Ou seja, Pêcheux quer entender como se dá o processo de resistência-revolta-revolução para além das alternativas espontaneístas ou de vanguarda leninista, questão que se tornou uma incógnita após a crise dos partidos comunistas europeus, e que, no curso dos acontecimentos políticos da Europa nas décadas seguintes, tornou-se ainda mais problemática. Ao que parece, somente com o levante zapatista em Chiapas, no México, com o movimento antiglobalização e com eventos como o Fórum Social Mundial (FSM), a proposta de transformação radical do mundo foi novamente formulada. Todavia parece haver nessa *irrupção* discursiva do *irrealizado* algo de novo. Algo que aparece primeiramente em uma paráfrase do *slogan* do FSM *Outros Mundos são Possíveis*, em seguida, no neologismo criado pelo compositor Tom Zé para uma canção especialmente composta para a primeira edição do FSM: *Unimultiplicidade*. Outrossim, a multiplicidade aparece como desejável pelo enunciado zapatista: *Queremos um mun-*

Maurício  
Beck

Amanda  
Eloina  
Scherer

---

180

*do onde caibam todos os mundos.*

A novidade parece ser o valor positivo que a pluralidade de mundos alternativos e a multiplicidade no interior dos movimentos de contestação e revolta passam a ter. Podemos interpretar isto como um acontecimento discursivo que re-significou o fenômeno da fragmentação das esquerdas (BECK, 2005), fragmentação que estava, desde a crise do eurocomunismo no final da década de 70, associada ao enfraquecimento da eficácia do discurso partidário comunista em mobilizar, engajar e unificar as massas proletárias.

Diante dessa nova realidade política, a articulação entre meios e fins, táticas e estratégias políticas é colocada de formas diferenciadas pelos atuais movimentos de esquerda. No evento do FSM, essa questão ressurgiu, sendo sintetizada sintomaticamente pelo neologismo de Tom Zé, que ressalta a multiplicidade dos movimentos alternativos ao mesmo tempo em que coloca a necessidade estratégica da união. Com a valorização da heterogeneidade, a unificação política das esquerdas em torno de um partido de vanguarda capaz de justificar tudo (*os fins justificam os meios*) “em nome da urgência” (PÊCHEUX, [1981] 1990) tornou-se problemática.

Essas são as questões que concernem aos movimentos políticos da atualidade. E quanto aos analistas e pesquisadores que se ocupam destes movimentos? O que cabe a nós nessa nova conjuntura? Acreditamos que uma de nossas tarefas, como analistas de discurso, é a de descrever e interpretar os discursos dos (novos?) movimentos e lutas populares, bem como buscar entender como eles procuram resolver (ou não) as contradições, tensões e falhas herdadas da história política dos últimos séculos. Retomar e problematizar o legado do marxismo-leninismo no interior de nossa própria teoria e analisar como esse mesmo legado funciona ou falha nas lutas populares da atualidade é, talvez, uma tarefa mais *grata* para os intelectuais de hoje do que aquela de ser a vanguarda — forjadora da doutrina que ofereceria à massa *inculta* uma síntese das contradições sociais e uma panaceia para todos os sofrimentos e injustiças do mundo.

As  
modalidades  
discursivas de  
funcionamento  
subjetivo...

---

181

*Recebido em fevereiro de 2009 / Aceito em maio de 2009*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. (1970) **Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 128 p.

Maurício  
Beck

\_\_\_\_\_. **Lo que no puede durar en el Partido Comunista**. Tradução de Pedro Vilanova Trías. Siglo XXI de España Ed.,1978. 110 p.

Amanda  
Eloina  
Scherer

BECK, M. **Um Outro Mundo é Possível?** Do Fim da História a Outros Sentidos Possíveis. 2005. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFSM, Santa Maria, 2005.

182

CHÂTELET, F.; DUHAMEL, Olivier.; PISIER-KOUCHNER, Evelyne. (1982) **História das Idéias Políticas**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

DELEUZE, G. (1973) Cinco Proposições sobre a Psicanálise. In: **A Ilha Deserta e Outros Textos**. Tradução de Luiz Benedicto Lacerda Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.

GUILHAUMOU, J. Considerações sobre a Análise do Discurso: Um Trajeto Crítico em Torno de Michel Pêcheux ao Final dos Anos 70. In: BARONAS, Roberto Leiser; KOMESU, Fabiana (org.). **Homenagem a Michel Pêcheux: 25 Anos de Presença na Análise de Discurso**. Tradução de Roberto Leiser Baronas, Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

INDURSKY, F. Do desdobramento à fragmentação do sujeito em análise do Discurso. In: **Sínteses 2**, Porto Alegre, ANPOLL/UFRGS, 2002. CD-ROM

LENIN, V. I. (1902) **Obras Escolhidas**. Em Três Tomos. 2.ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1982. [Tomo I]

LYOTARD, J-F. (1979) **O pós-moderno**. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MALDIDIER, D. (1990) **A Inquietação do Discurso**. (RE)ler Michel Pêcheux Hoje. Tradução de Eni Pulcinelli. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARX, K. (1843) **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

ORLANDI, E. Pulcinelli. O Sujeito Discursivo Contemporâneo: um exemplo. In: **II Seminário de Estudo em Análise do Discurso**, 2005, Porto Alegre: UFRGS, 2005, 1CD-ROM.

PÊCHEUX, M. (1981) Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. **Caderno de Estudos Lingüísticos**. Campinas: Unicamp/ IEL, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. El extraño espejo del análisis de discurso. In: **Langages** 62, jun. 1981. Tradução de de María del Carmen Saint-Pierre. Disponível em: <http://www.magarinos.com.ar/courtine.htm>. Acesso em: 10 de jun. 2008.

\_\_\_\_\_. **O Discurso**.(1983) Estrutura ou Acontecimento. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 3.ed. Campinas: Pontes, 2002.

\_\_\_\_\_. (1975) **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. (1978). Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: **Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

SCHALLER, J-J. (2001) Construir um Viver Junto na Democracia Renovada. Tradução de Maria Teresa Vianna Van Acker. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 147-164, jul./dez. 2002.

As  
modalidades  
discursivas de  
funcionamento  
subjetivo...

---

183